

Paisagens Urbanas e Paisagens Humanas: o bairro do Bom Retiro

Nathércia Pires **SILVESTRE**¹

Bom Retiro, *Bó Ritiro* dos italianos, o “pequeno shtetl” dos judeus, bairro dos letrados em coreano, do *foot-ball* dos ingleses, dos sinos da igreja armênia, da identidade sul-americana dos bolivianos, da “Acrópole” dos gregos, dos nordestinos, dos comerciantes e dos sacoleiros, do café e da ferrovia que tornaram São Paulo uma metrópole – o Bom Retiro é um mapa-mundi encravado na cidade de São Paulo.²

Deixando para trás o lar em Belo Horizonte (MG), o menino, já nas cenas iniciais, mostra-se deslumbrado com os edifícios da capital paulista. Seu destino é o bairro do Bom Retiro.

Quando entram em São Paulo, temos a bela cena do menino deitado no banco de trás do fusca dirigido por seu pai, com os pezinhos para cima, observando aqueles arranha-céus pelos vidros do carro. Tudo tão grande! Neste momento temos a impressão que o carro circula pela Avenida Prestes Maia, no sentido centro-bairro, pista que dá acesso ao Bom Retiro. Nesse mundo novo para o menino Mauro, o que vemos através das imagens refletidas pelos vidros do fusca são os prédios do centro comercial da região, hoje conhecida como “Centro Velho” de São Paulo.

O Bom Retiro foi incorporado à história da cidade de São Paulo no início do século XIX, segundo Hilário Dertônio, em seu livro “O Bairro do Bom Retiro”, publicação da Prefeitura Municipal em 1971, sobre a história dos bairros de São Paulo.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNESP (Campus de Marília).

² Projeto IPHAN- **Multiculturalismo em Situação Urbana: Inventário das Referências Culturais do Bairro do Bom Retiro**. 9ª Superintendência Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em São Paulo. Departamento de Patrimônio Histórico da Secretaria da Cultura da Prefeitura do Município de São Paulo, 2005, p. 01.

Algumas anotações, nos guardados da Divisão do Arquivo Histórico de São Paulo, mencionam que: “as origens deste bairro datam do início do século XIX, quando essa planura era totalmente ocupada

por sítios e chácaras. Desde 1828 a 1872 aquela zona foi procurada por pessoas que ali instalavam chácaras para seu “retiro” de fim-de-semana. A origem da denominação Bom Retiro deve-se a ter ali existido uma chácara com esta denominação e quando foi loteada deixou o nome ao atual bairro. Na década de 1880 a 1890 se processaram o loteamento e arruamento da “Chácara Bom Retiro”, “Chácara Dulley”, “Sítio do Carvalho” e outros. Outra referência ao povoado com esse nome se encontra na obra de Nuto Santana, “São Paulo Histórico”, no seguinte trecho: “No ano de 1883 alguns bairros, longe, se nucleavam completamente isolados nos campos, servidos apenas por longos caminhos pontuados, de longe em longe, de chácaras verdes e solitárias”. Assim, a Luz, o Bom Retiro, a Lapa, o Brás, a Penha, Santana e outros que tais” (DERTÔNIO, 1971, pp.11-12).

Também é no final do século XIX, 1860, que o bairro passa a contar com a primeira grande olaria da cidade, a Olaria Manfred. Surgem grandes fábricas como a Fábrica Anhaia, de tecidos de algodão, e a Cervejaria Germânia, que em 1970 pertencia à Companhia Antártica. É no XIX que chegam os imigrantes europeus; primeiro os portugueses e posteriormente grande quantidade de italianos.

O Bom Retiro ganha projeção ao se constituir num dos caminhos às margens do rio Tietê e por situar-se ao lado da São Paulo Railway, mais conhecida por Estrada de Ferro Inglesa, que passa a se chamar Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, inaugurada em 16 de fevereiro de 1867, por obra do Barão e Visconde de Mauá. Possivelmente, é ao lado



dela que Mauro jogava bola com os meninos do bairro, numa das cenas finais do filme.

Também nos anos 1860, é inaugurada a Estação da Luz. Segundo o Inventário de Referências Culturais do Bairro do Bom Retiro:

(Fonte: site oficial do filme, “O ano”)

Pode-se dizer que o Bom Retiro estava no coração de uma rede mundial de comércio na segunda metade do século 19, pois era pela ferrovia Santos-Jundiaí e por meio da Estação da Luz que o café era transportado do interior paulista para o porto de Santos e de lá para os mercados mundiais (Projeto IPHAN, 2005, p.03).



Estação da Luz, localizada ao lado do Parque da Luz (Arquivo Pessoal, 2007)

A existência da via férrea nos limites dos bairros Bom Retiro, Santa Efigênia e Santa Cecília propiciou a instalação de vários galpões de depósito ao longo de seus trilhos, a fim de armazenar mercadorias procedentes da Estação da Luz e outros destinos. Por sua vez, tal prática estimulou a proliferação de indústrias de transformação destas mercadorias nos seus arredores. O Bom Retiro tornou-se um bairro operário. Os italianos eram parte maciça da mão-de-obra empregada ali.

A partir de 1900, a implementação de algumas obras públicas tais como a nova Estação da Luz e a construção do viaduto unindo as ruas José Paulino e Couto de Magalhães, criou condições para que o bairro se expandisse comercialmente. Neste momento muitas famílias israelitas se fixam no bairro. Conforme nos orienta Hilário Dertônio, entre 1930 e 1947 chegaram ao Brasil cerca de 30.000 mil judeus, concentrando-se, na sua maioria, na cidade de São Paulo. Este grande fluxo migratório teria sido motivado pela perseguição nazista aos judeus antes e durante a Segunda Guerra Mundial. Segundo o cadastro realizado pela Federação Israelita de São Paulo em 1966, a população judaica no estado é de aproximadamente 87.500 pessoas, cuja maioria é de origem ashkenase, judeus de procedência eslava e germânica. Mas o bairro também conta com a presença de sírios, libaneses, turcos, russos e povos de outras nacionalidades em menor escala. Como diria o garoto Mauro: “o Schlomo é judeu polonês, o Ítalo é italiano, a Irene é grega e o namorado dela... bom, este deve ser neto de africano”.

A partir dos anos 1990, a configuração étnica do bairro sofre algumas transformações. Os coreanos passam a ocupar muitos espaços comerciais no Bom Retiro, que se transforma num núcleo desta “comunidade” em São Paulo. Muitos bolivianos passam a ali viver e trabalhar, sem esquecer da presença nordestina que, embora não produza marcas étnicas tão distintivas, também se encontra em grande número. Esta característica multiétnica do bairro tem sido valorizada pela mídia, sempre associada à imagem de um lugar de vivência harmônica entre os povos, como sugere o título da matéria publicada no *Diário Popular* em 02/08/1996: “O Bom Retiro se identifica com a trajetória dos imigrantes” (Projeto IPHAN, 2005, p. 04). São múltiplas identidades/etnicidades que se constituem num espaço físico relativamente restrito e intimamente relacionadas a determinadas atividades econômicas. De certa forma, somos levados a vislumbrar o Bom Retiro como a expressão melhor acabada da “São Paulo dos mil povos”, a metrópole que acolhe a todos aqueles que venham em busca do trabalho feito com dedicação. Não devemos nos esquecer, entretanto, que a imagem de um “mosaico harmônico” sugerido pela presença de letreiros em hebraico ao lado de restaurantes coreanos também pode conviver com a ilegalidade da imigração, a clandestinidade, o crime organizado e o conflito (Projeto IPHAN, 2005, pp.06-07).

Segundo Hilário Dertônio, o Bom Retiro possui algumas ruas famosas. E uma delas é a Rua da Graça que parece estar bem retratada nas cenas do filme. Poderia estar lá situada a lanchonete do pai da Irene.

Em suma, a Rua da Graça é o centro de um verdadeiro caleidoscópio social, cultural e racial. Uma cantina italiana ali serve excelentes massas e uma famosa “charlotte”; num restaurante grego-israelita, especializado em comidas do Mediterrâneo Oriental (carneiro, peixes e mariscos, regados a “uso”, aguardente parecida com o “araque” árabe), ouvem-se curiosos falares gregos, judeus, espanhóis e até franceses (DERTÔNIO, 1971, p.66).

Ainda com relação à Rua da Graça, nosso autor comenta que os primeiros imigrantes a ali se estabelecerem foram os portugueses; depois vieram os italianos, que predominaram até 1940. Em seguida os judeus provenientes da Europa Central e do sul da Rússia. Estes falam o dialeto iídiche. Mais tarde, vieram do Oriente Médio e do Egito os judeus sefarditas (espanhóis), descendentes dos que foram expulsos da Península Ibérica em 1492, falando o idioma castelhano que chamam de “ladino”. A rua

também abriga uma grandiosa sinagoga, a “Comunidade Israelita”, fundada em 1912, a primeira de São Paulo³.

Um outro exemplo típico de uma das ruas do bairro, nos idos anos 70, é a Rua Anhaia. O autor nos fornece vários elementos da constituição urbana desta rua que aparecem em muitos momentos do filme por nós analisado. Botequins transformados em bares, cafés ou cantinas. A presença de vários prédios de apartamentos de poucos andares, tal como o do avô do menino Mauro. Muitas novas indústrias de tecidos, confecções ou malharia, como a da mãe de Hannah, oficinas mecânicas, auto-escolas, postos de gasolina e postos de serviços para automóveis, na sua grande maioria da Volkswagen, cuja expressão mais presente era o popular fusca.

O comércio com lojas grandes e pequenas, exibe seus artigos nas modernizadas vitrinas. Ônibus de várias linhas e inúmeros automóveis rodam sobre o asfalto da rua e os transeuntes, agora chamados “pedestres”, circulam pelas calçadas, alegres, ainda, porém comedidos em suas expansões (DERTÔNIO, 1971, pp. 59-60).

Os prédios universitários e o Liceu de Artes e Ofícios, hoje Pinacoteca de São Paulo, também se fazem presentes no Bom Retiro. No ano de 1970 havia dois Institutos de Ensino Superior: a Escola Politécnica e a Faculdade de Farmácia e Odontologia, ambos na Rua Três Rios, embora o quarteirão ao qual pertencia a Escola Politécnica já esteja nos limites dos bairros da Luz e Santa Efigênia.



Um dos prédios da antiga Escola Politécnica, hoje utilizados pela FATEC/SP (Arquivo Pessoal, 2007).

³ Informação concedida por Rachel Green, funcionária da Oficina Cultural “Oswald de Andrade”, a quem agradecemos.

Criada em 24 de Agosto de 1863, a Escola Politécnica também conhecida como “Poli”, foi palco de grande efervescência política do movimento estudantil paulistano, opondo forte resistência em vários momentos de sua história, como no período da ditadura militar no Brasil. No filme assistimos a uma cena de intensa repressão aos estudantes universitários que bem poderia ter tido como cenário o prédio da Escola Politécnica.

A Escola de Farmácia da Rua Três Rios foi criada em 1905, passando a integrar a Universidade de São Paulo em 1934, como sua Faculdade de Farmácia e Odontologia. Em 25 de Janeiro de 1934, o então governador estadual, Armando de Sales Oliveira incorporou à Universidade de São Paulo as faculdades existentes no bairro.



Fotos do prédio da antiga Escola de Farmácia da Rua Três Rios, hoje utilizada pela Oficina Cultural Oswald de Andrade (Arquivo Pessoal, 2007)



Prédio do Liceu de Artes e Ofícios, hoje Pinacoteca de São Paulo (Arquivo Pessoal, 2007)

Uma das últimas cenas do filme se passa no Parque da Luz, o mais antigo jardim público de São Paulo e que pertence, como o próprio nome indica, ao bairro da Luz, vizinho ao Bom Retiro.



Parque da Luz (Arquivo Pessoal, 2007)

Datado de 1798/99, a idéia de estabelecer o “Jardim Botânico da Luz” só aconteceu em 1825, sob a regência de D. Pedro II. Este pode ter sido o marco inicial do “bom retiro das chácaras”, um espaço limite entre o rural e o urbano de uma São Paulo ainda bem pequena.

No início do século XIX, foi nomeado um novo administrador para o Jardim da Luz, Antonio Etzel. Suas maiores contribuições foram a criação de ruas circulares arborizadas, grandes gramados ao estilo inglês, o coreto, o quiosque, além de um mini-viveiro de plantas e flores e um mini-zoológico. O Jardim foi administrado por Etzel até 1930. Após esta data entra em franca deterioração tornando-se apenas um local de passagem. Em 1972 recebe um novo tratamento e é recuperado, passando a ser chamado “Parque da Luz”.

Quando pensamos o Bom Retiro, vislumbramos um espaço com múltiplas fronteiras: os limites do rio Tietê, o caminho do Guaré – depois Avenida Tiradentes – a linha do trem, o antigo edifício do Liceu, o Parque e a Estação da Luz.

Toda fronteira física é também simbólica. Ela marca o espaço dos que estão “dentro” e dos que estão “fora”, do nacional e do estrangeiro, do igual e do diferente. O menino Mauro, quando ali chegou, também era um “estrangeiro”. Não dominava a língua falada pelos mais velhos, não estava habituado às comidas, não conhecia a

religião, não conhecia as pessoas. Da mesma forma, não era conhecido. A novidade estava posta. E da mesma forma que o Bom Retiro tem acolhido milhares de imigrantes e migrantes desde sua origem no século XIX, também acolheu Mauro que, a partir do bairro, começa a estabelecer suas trocas com a metrópole. Até se tornar “um deles”. Depois saiu..., para ser estrangeiro em outro lugar.

Bibliografia

DEBERTONIO, Hilário. *O Bairro do Bom Retiro: história dos bairros de São Paulo*. Prefeitura Municipal. Secretaria de Educação e Cultura. Departamento de Cultura, 1971.

Projeto IPHAN- *Multiculturalismo em Situação Urbana: Inventário das Referências Culturais do Bairro do Bom Retiro*. 9ª Superintendência Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em São Paulo. Departamento de Patrimônio Histórico da Secretaria da Cultura da Prefeitura do Município de São Paulo, 2005. (Arquivo da Oficina Cultural Oswald de Andrade/SP).

Site consultado

<http://www.sampa.art.br/SAOPAULO/parque%20da%20luz.htm>, último acesso em 03/07/2007.